Leon Degrelle

O Enigma de Hitler

Leon Degrelle

O Enigma de Hitler

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

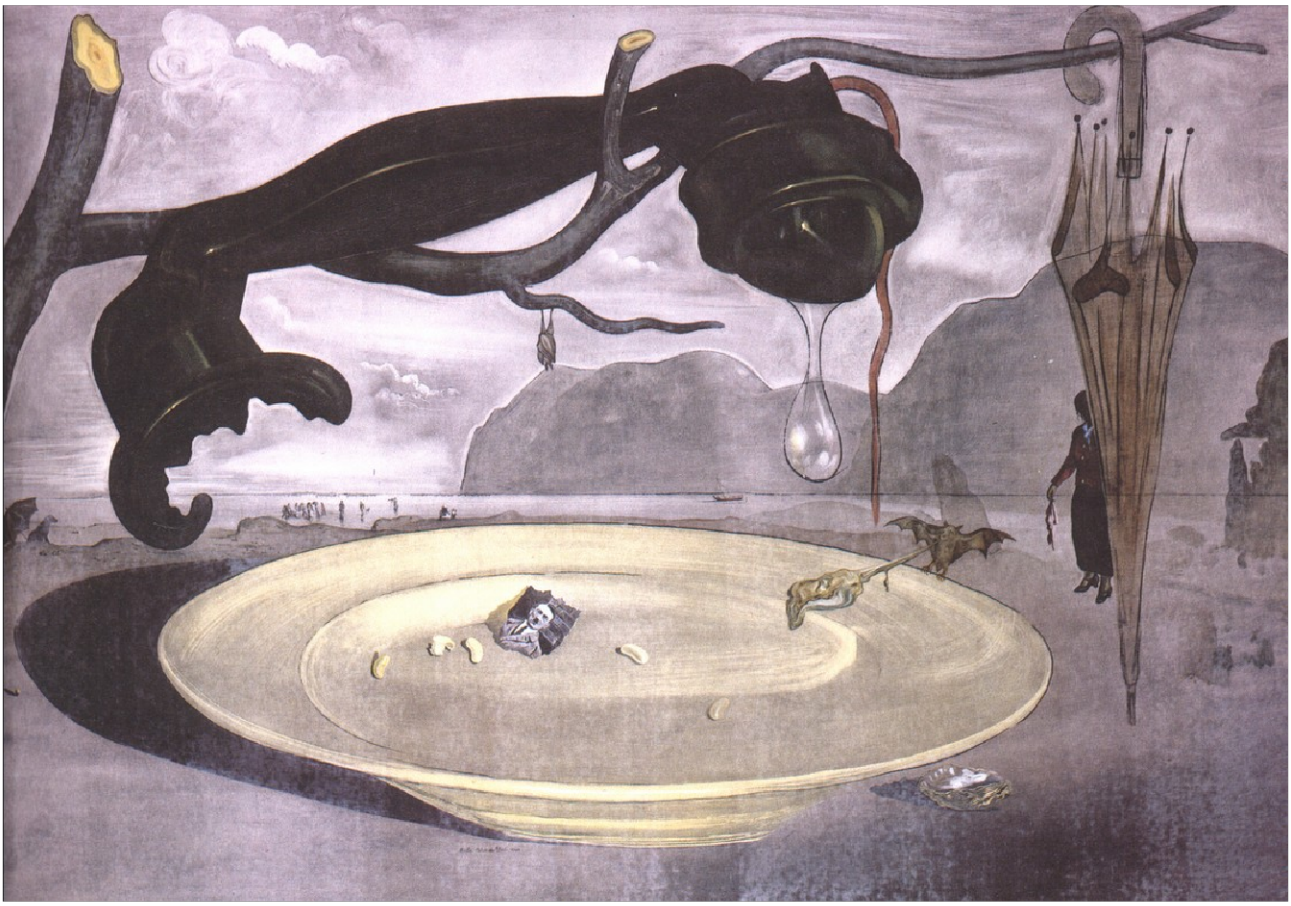
“Hitler — você o conheceu — como ele era?” Tenho sido perguntado isso mil vezes desde 1945, e nada é mais difícil de responder.

Aproximadamente duzentos mil livros trataram da Segunda Guerra Mundial e de sua figura central, Adolf Hitler. Mas será que o verdadeiro Hitler foi descoberto por algum deles? “O enigma de Hitler está além de toda compreensão humana,” uma vez afirmou o semanário alemão de esquerda *Die Zeit*.

Salvador Dali, o gênio único da arte, buscou penetrar o mistério em uma de suas pinturas mais intensamente dramáticas. Paisagens montanhosas imponentes quase preenchem toda a tela, restando apenas alguns metros luminosos de litoral pontilhados com figuras humanas delicadamente miniaturizadas: a última testemunha de uma paz moribunda. Um enorme receptor de telefone pingando lágrimas de sangue pende do galho de uma árvore morta; e aqui e ali pendem guarda-chuvas e morcegos cujo presságio é visivelmente o mesmo. Como Dali conta, “O guarda-chuva de Chamberlain apareceu nesta pintura sob uma luz sinistra, tornado evidente pelo morcego, e me impressionou quando o pintei como uma coisa de enorme angústia.”

Ele então confessou: “Senti esta pintura como sendo profundamente profética. Mas confesso que ainda não desvendei o enigma de Hitler também. Ele me atraiu apenas como um objeto das minhas loucas imaginações e porque o vi como um homem singularmente capaz de virar tudo completamente de cabeça para baixo.”

Que lição de humildade para os críticos estridentes que se apressaram a publicar desde 1945 com seus milhares de livros “definitivos”, a maioria deles desdenhosos, sobre este homem que tanto perturbou o introspectivo Dali que quarenta anos depois ele ainda se sentia angustiado e incerto diante de sua própria pintura alucinatória. Além de Dali, quem mais já tentou apresentar um retrato objetivo deste homem extraordinário que Dali rotulou como a figura mais explosiva da história humana?



Salvador Dali - The Enigma of Hitler

Como o Sino de Pavlov

As montanhas de livros sobre Hitler baseadas em ódio cego e ignorância fazem pouco para descrever ou explicar o homem mais poderoso que o mundo já viu. Como, pondero, é que esses milhares de retratos díspares de Hitler se assemelham de alguma forma ao homem que eu conheci? O Hitler sentado ao meu lado, de pé, falando, ouvindo. Tornou-se impossível explicar a pessoas alimentadas com contos fantásticos por décadas que o que leram ou ouviram na televisão simplesmente não corresponde à verdade.

As pessoas passaram a aceitar a ficção, repetida mil vezes, como realidade. No entanto, elas nunca viram Hitler, nunca conversaram com ele, nunca ouviram uma palavra de sua boca. O próprio nome de Hitler imediatamente evoca um diabo contorcido, a fonte de todas as suas emoções negativas. Como o sino de Pavlov, a menção a Hitler visa dispensar a substância e a realidade. Com o tempo, no entanto, a história exigirá mais do que esses julgamentos sumários.

Estranhamente Atraente

Hitler está sempre presente diante dos meus olhos: como um homem de paz em 1936, como um homem de guerra em 1944. Não é possível ter sido testemunha pessoal da vida de um homem tão extraordinário sem ser marcado por isso para sempre. Não passa um dia sem que Hitler renasça na minha memória, não como um homem morto há muito tempo, mas como um ser real que anda pelo chão de seu escritório, senta-se em sua cadeira, mexe nas toras queimando na lareira.

A primeira coisa que qualquer um notava quando ele aparecia era o seu pequeno bigode. Inúmeras vezes lhe aconselharam a raspá-lo, mas ele sempre se recusou: as pessoas estavam acostumadas com ele do jeito que era.

Ele não era alto — não mais do que Napoleão ou Alexandre, o Grande.

Hitler tinha olhos azuis profundos que muitos achavam fascinantes, embora eu não os achasse assim. Nem detectei a corrente elétrica que suas mãos supostamente emitiam. Apertei-as várias vezes e nunca fui atingido por seu raio.

Seu rosto mostrava emoção ou indiferença de acordo com a paixão ou apatia do momento. Às vezes ele ficava como que entorpecido, sem dizer uma palavra, enquanto seus maxilares se moviam como se estivessem moendo um obstáculo em mil pedaços no vazio. Então ele subitamente ganhava vida e lançava-se em um discurso dirigido apenas a você, como se estivesse se dirigindo a uma multidão de centenas de milhares no aeródromo de Tempelhof, em Berlim. Então ele ficava como que transfigurado. Até sua tez, de outra forma opaca, iluminava-se enquanto ele falava. E nessas ocasiões, com certeza, Hitler era estranhamente atraente e como se possuísse poderes mágicos.

Vigor Excepcional

Qualquer coisa que pudesse parecer muito solene em seus comentários, ele rapidamente temperava com um toque de humor. O mundo pitoresco, a frase mordaz estavam ao seu comando. Num instante, ele pintava um quadro com palavras que arrancava um sorriso, ou surgia com uma comparação inesperada e desarmante. Ele podia ser severo e até implacável em seus julgamentos e ainda assim quase ao mesmo tempo ser surpreendentemente conciliador, sensível e caloroso.

Depois de 1945 Hitler foi acusado de toda crueldade, mas não estava em sua natureza ser cruel. Ele amava crianças. Era uma coisa inteiramente natural para ele parar seu carro e compartilhar sua comida com jovens ciclistas à beira da estrada. Uma vez ele deu seu casaco para um desamparado caminhando sob a chuva. À meia-noite ele interrompia seu trabalho e preparava a comida para sua cadela Blondi.

Ele não suportava comer carne, porque isso significava a morte de uma criatura viva. Ele se recusava a ter sequer um coelho ou uma truta sacrificados para prover sua comida. Ele permitia apenas ovos em sua

mesa, porque a postura de ovos significava que a galinha havia sido poupada e não morta.

Os hábitos alimentares de Hitler eram uma fonte constante de espanto para mim. Como alguém com uma rotina tão rigorosa, que havia participado de dezenas de milhares de exaustivas reuniões de massa das quais ele emergia banhado em suor, frequentemente perdendo de um a dois quilos no processo; que dormia apenas três a quatro horas por noite; e que, de 1940 a 1945, carregou o mundo inteiro sobre seus ombros enquanto governava 380 milhões de europeus: como, eu me perguntava, ele poderia sobreviver fisicamente com apenas um ovo cozido, alguns tomates, duas ou três panquecas e um prato de massa? Mas ele realmente ganhou peso!

Ele bebia apenas água. Ele não fumava e não tolerava que fumassem em sua presença. À uma ou duas horas da manhã ele ainda estaria falando, despreocupado, perto de sua lareira, vivaz, frequentemente divertido. Ele nunca mostrou qualquer sinal de cansaço. Seu público poderia estar morto de cansado, mas Hitler não.

Ele foi retratado como um homem velho e cansado. Nada estava mais longe da verdade. Em setembro de 1944, quando se noticiava que ele estava bastante caduco, passei uma semana com ele. Seu vigor mental e físico ainda eram excepcionais. A tentativa contra sua vida em 20 de julho, se é que fez alguma coisa, o havia revigorado. Ele tomou chá em seus aposentos tão tranquilamente como se estivéssemos em seu pequeno apartamento privativo na chancelaria antes da guerra, ou apreciando a vista da neve e do céu azul brilhante através de sua grande janela envidraçada em Berchtesgaden.

Autocontrole de Ferro

No final de sua vida, com certeza, suas costas haviam se curvado, mas sua mente permaneceu tão clara como um relâmpago. O testamento que ele ditou com extraordinária compostura na véspera de sua morte, às três da manhã de 29 de abril de 1945, nos fornece um testemunho duradouro. Napoleão em Fontainebleau não ficou sem seus momentos de pânico antes de sua abdicação. Hitler simplesmente apertou as mãos de seus associados em silêncio, tomou o café da manhã como em qualquer outro dia, e então foi para sua morte como se fosse dar um passeio. Quando a história já testemunhou uma tragédia tão enorme trazida ao seu fim com um autocontrole de ferro tão grande?

A característica mais notável de Hitler foi sempre sua simplicidade. O mais complexo dos problemas se resolvia em sua mente em alguns princípios básicos. Suas ações eram orientadas por ideias e decisões que poderiam ser entendidas por qualquer um. O operário de Essen, o agricultor isolado, o industrial do Ruhr e o professor universitário podiam todos facilmente seguir sua linha de pensamento. A própria clareza de seu raciocínio tornava tudo óbvio.

Seu comportamento e seu estilo de vida nunca mudaram, mesmo quando ele se tornou o governante da Alemanha. Ele se vestia e vivia com frugalidade. Durante seus primeiros dias em Munique, ele gastava não mais que um marco por dia com comida. Em nenhuma fase de sua vida ele gastou qualquer coisa consigo mesmo. Ao longo de seus treze anos na chancelaria, ele nunca carregou uma carteira ou jamais teve dinheiro próprio.

Curiosidade Intelectual

Hitler era autodidata e não fazia tentativa de esconder o fato. A presunção convencida dos intelectuais, suas ideias brilhantes empacotadas como tantas pilhas de lanterna, irritavam-no às vezes. Seu próprio conhecimento ele adquirira através de estudo seletivo e incansável, e ele sabia muito mais do que milhares de acadêmicos decorados com diplomas.

Eu não acho que alguém jamais leu tanto quanto ele. Ele normalmente lia um livro por dia, sempre lendo primeiro a conclusão e o índice para avaliar o interesse da obra para ele. Ele tinha o poder de extrair a essência de cada livro e depois armazená-la em sua mente semelhante a um computador. Eu o ouvi falar sobre livros científicos complicados com precisão impecável, mesmo no auge da guerra.

Sua curiosidade intelectual era ilimitada. Ele estava prontamente familiarizado com os escritos dos autores mais diversos, e nada era complexo demais para sua compreensão. Ele tinha um conhecimento e entendimento profundos de Buda, Confúcio e Jesus Cristo, assim como de Lutero, Calvino e Savonarola; de gigantes literários como Dante, Schiller, Shakespeare e Goethe; e de escritores analíticos como Renan e Gobineau, Chamberlain e Sorel.

Ele havia se treinado em filosofia estudando Aristóteles e Platão. Ele podia citar parágrafos inteiros de Schopenhauer de memória, e por um longo tempo carregou uma edição de bolso de Schopenhauer consigo. Nietzsche lhe ensinou muito sobre a força de vontade.

Sua sede de conhecimento era insaciável. Ele passou centenas de horas estudando as obras de Tácito e Mommsen, estrategistas militares como Clausewitz e construtores de impérios como Bismarck. Nada escapava a ele: história mundial ou a história das civilizações, o estudo da Bíblia e do Talmude, a filosofia tomista e todas as obras-primas de Homero, Sófocles, Horácio, Ovídio, Tito Lívio e Cícero. Ele conhecia Juliano, o Apóstata, como se tivesse sido seu contemporâneo.

Seu conhecimento também se estendia à mecânica. Ele sabia como os motores funcionavam; ele entendia a balística de várias armas; e ele surpreendeu os melhores cientistas médicos com seu conhecimento de medicina e biologia.

A universalidade do conhecimento de Hitler pode surpreender ou desagradar aqueles que o desconhecem, mas é, no entanto, um fato histórico: Hitler foi um dos homens mais cultos deste século. Muito mais do que Churchill, uma mediocridade intelectual; ou do que Pierre Laval, com seu mero conhecimento superficial de história; ou do que Roosevelt; ou Eisenhower, que nunca foi além de romances policiais.

Artista e Arquiteto

Mesmo durante seus primeiros anos, Hitler era diferente de outras crianças. Ele tinha uma força interior e era guiado por seu espírito e seus instintos.

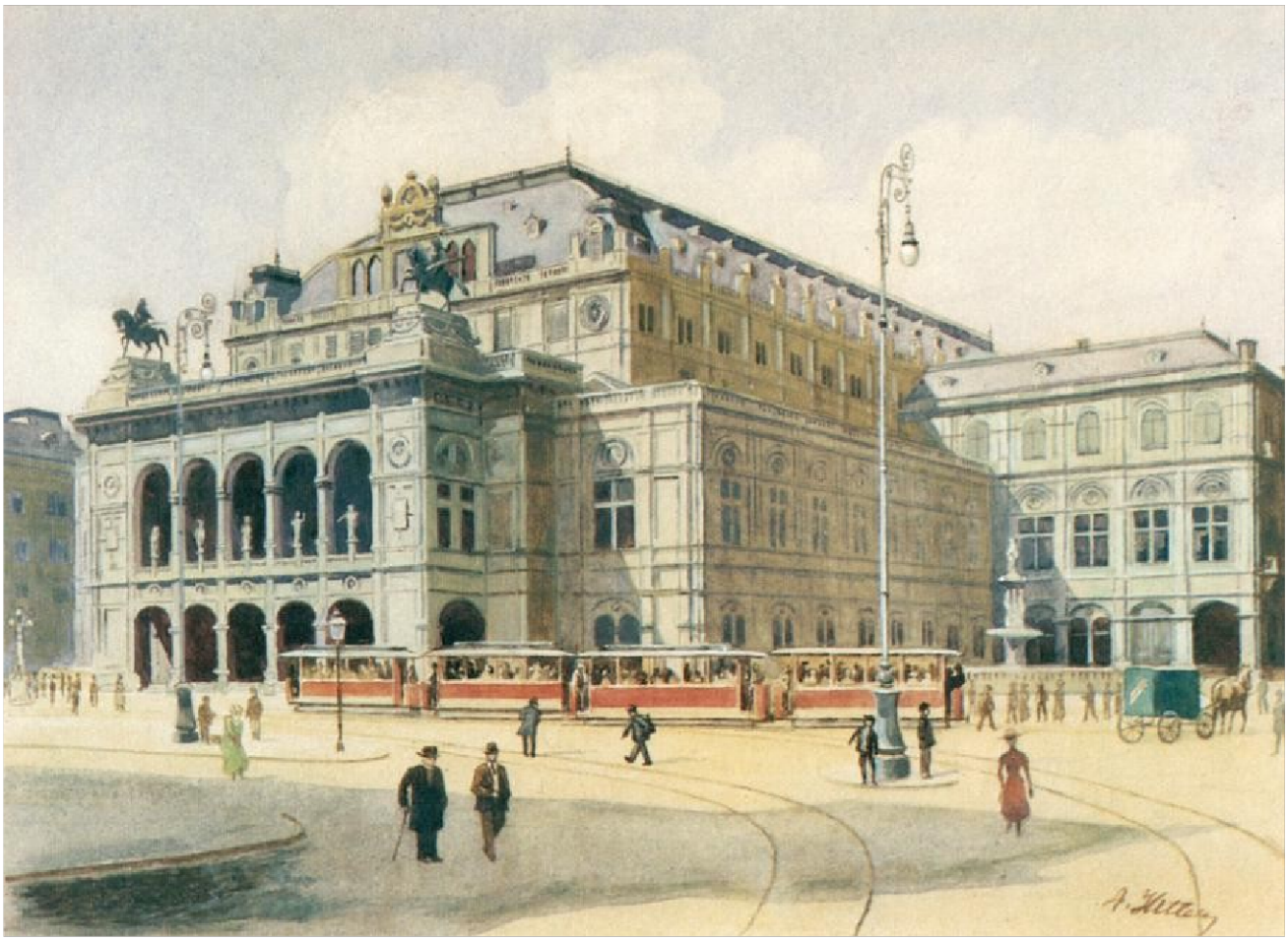
Ele conseguia desenhar com habilidade quando tinha apenas onze anos de idade. Seus esboços feitos nessa idade mostram uma firmeza e vivacidade notáveis.

Suas primeiras pinturas e aquarelas, criadas aos 15 anos, estão cheias de poesia e sensibilidade. Um de seus trabalhos iniciais mais marcantes, "Fortaleza Utopia", também o mostra como um artista de imaginação rara. Sua orientação artística assumiu muitas formas. Ele escreveu poesia desde a época em que era um rapaz. Ele ditou uma peça completa para sua irmã Paula, que ficou espantada com sua presunção. Aos 16 anos, em Viena, ele lançou-se na criação de uma ópera. Ele até projetou os cenários, assim

como todas as vestimentas; e, claro, os personagens eram heróis wagnerianos.

Mais do que apenas um artista, Hitler era sobretudo um arquiteto. Centenas de suas obras eram notáveis tanto pela arquitetura quanto pela pintura. Apenas de memória, ele podia reproduzir em todos os detalhes a cúpula bulbosa de uma igreja ou as curvas intrincadas do ferro forjado. De fato, foi para realizar seu sonho de se tornar um arquiteto que Hitler foi para Viena no início do século.

Quando se veem as centenas de pinturas, esboços e desenhos que ele criou na época, que revelam seu domínio das figuras tridimensionais, é espantoso que seus examinadores da Academia de Belas Artes o tenham reprovado em dois exames consecutivos. O historiador alemão Werner Maser, nenhum amigo de Hitler, castigou esses examinadores: “Todos os seus trabalhos revelavam dons arquitetônicos extraordinários e conhecimento. O construtor do Terceiro Reich dá causa à antiga Academia de Belas Artes de Viena para vergonha.”



Origens Humildes

Impressionado com a beleza da igreja em um mosteiro beneditino onde fazia parte do coro e servia como coroinha, Hitler sonhou brevemente em se tornar um monge beneditino. E foi naquela época, também, curiosamente, que sempre que ele assistia à missa, tinha que passar por baixo da primeira suástica que já vira: estava gravada no escudo de pedra do portal da abadia.

O pai de Hitler, um oficial alfandegário, esperava que o menino seguisse seus passos e se tornasse um funcionário público. Seu tutor o encorajou a se tornar um monge. Em vez disso, o jovem Hitler foi, ou melhor, fugiu, para Viena. E lá, frustrado em suas aspirações artísticas pelos burocratas medíocres da academia, ele voltou-se para o isolamento e a meditação. Perdido na grande capital da Áustria-Hungria, ele procurou por seu destino.

Durante os primeiros trinta anos da vida de Hitler, a data 20 de abril de 1889 não significava nada para ninguém. Ele nasceu naquele dia em Branau, uma pequena cidade no vale do Inn. Durante seu exílio em Viena, ele frequentemente pensava em sua modesta casa, e particularmente em sua mãe. Quando ela adoeceu, ele voltou para casa, de Viena, para cuidar dela. Por semanas ele a tratou, fez todas as tarefas domésticas e a apoiou como o mais amoroso dos filhos. Quando ela finalmente morreu, na véspera de Natal, sua dor foi imensa. Atormentado pela tristeza, ele enterrou sua mãe no pequeno cemitério do campo: “Eu nunca vi alguém tão prostrado de dor,” disse o médico de sua mãe, que por acaso era judeu.

Em seu quarto, Hitler sempre exibia uma fotografia antiga de sua mãe. A memória da mãe que ele amava esteve com ele até o dia de sua morte. Antes de deixar esta terra, em 30 de abril de 1945, ele colocou a fotografia de sua mãe na sua frente. Ela tinha olhos azuis como os dele e um rosto similar. Sua intuição materna lhe dizia que seu filho era diferente das outras crianças. Ela agia quase como se soubesse o destino de seu filho. Quando ela morreu, sentiu-se angustiada pelo imenso mistério que cercava seu filho.

Ao longo dos anos de sua juventude, Hitler viveu a vida de um virtual recluso. Seu maior desejo era se afastar do mundo. Um solitário de coração, ele vagava por aí, comia refeições escassas, mas devorava os livros de três bibliotecas públicas. Ele se abstinha de conversas e tinha poucos amigos.

É quase impossível imaginar outro destino como aquele em que um homem começou com tão pouco e atingiu alturas tão grandes. Alexandre, o Grande era filho de um rei. Napoleão, de uma família abastada, era general aos vinte e quatro anos. Quinze anos depois de Viena, Hitler ainda era um cabo desconhecido. Milhares de outros tiveram mil vezes mais oportunidade de deixar sua marca no mundo.

Hitler não se preocupava muito com sua vida privada. Em Viena, ele vivera em alojamentos precários e apertados. Mas, mesmo assim, alugou um piano que ocupava metade de seu quarto e concentrou-se em compor sua ópera. Ele vivia de pão, leite e sopa de legumes. Sua pobreza era real. Ele nem mesmo possuía um casaco de inverno. Ele limpou ruas em dias de neve. Ele carregava bagagem na estação ferroviária. Passou muitas semanas em abrigos para desabrigados. Mas ele nunca parou de pintar ou ler.

Apesar de sua pobreza extrema, Hitler de alguma forma conseguia manter uma aparência limpa. Os proprietários e as proprietárias de pensão em Viena e Munique se lembravam dele por sua civilidade e disposição agradável. Seu comportamento era impecável. Seu quarto estava sempre impecável, seus parcos pertences meticulosamente arrumados e suas roupas cuidadosamente penduradas ou dobradas. Ele lavava e passava suas próprias roupas, algo que naquela época poucos homens faziam. Ele precisava de quase nada para sobreviver, e o dinheiro da venda de algumas pinturas era suficiente para prover todas as suas necessidades.

Resumindo as Coisas

Hitler ainda não havia se concentrado na política, mas sem que ele soubesse corretamente, essa era a carreira para a qual ele era mais fortemente chamado. A política acabaria se misturando com sua paixão pela arte. As pessoas, as massas, seriam a argila que o escultor molda em uma forma imortal. A argila humana se tornaria para ele uma bela obra de arte como uma das esculturas de mármore de Míron, uma pintura de Hans Makart ou a Trilogia do Anel de Wagner.

Seu amor pela música, arte e arquitetura não o havia afastado da vida política e das preocupações sociais de Viena. Para sobreviver, ele trabalhou como um trabalhador comum, lado a lado com outros trabalhadores. Ele era um espectador silencioso, mas nada escapava a ele: nem a vaidade e o egoísmo da burguesia, nem a miséria moral e material do povo, nem ainda as centenas de milhares de trabalhadores que desciam as largas avenidas de Viena com raiva em seus corações.

Ele também havia sido surpreendido pela crescente presença em Viena de judeus barbados vestindo caftans, uma visão desconhecida em Linz. “Como eles podem ser alemães?” ele se perguntava. Ele leu as estatísticas: em 1860 havia sessenta e nove famílias judias em Viena; quarenta anos depois havia duzentos mil. Eles estavam em todos os lugares. Ele observou sua invasão das universidades e das profissões de direito e medicina, e sua tomada dos jornais.

Hitler foi exposto às reações passionais dos trabalhadores a este influxo, mas os trabalhadores não estavam sozinhos em sua infelicidade. Havia muitas pessoas proeminentes na Áustria e na Hungria que não escondiam seu ressentimento pelo que acreditavam ser uma invasão estrangeira ao seu país. O prefeito de Viena, um cristão-democrata e um orador poderoso, era avidamente escutado por Hitler.

Hitler também estava preocupado com o destino dos oito milhões de alemães austríacos mantidos separados da Alemanha e, assim, privados de sua legítima nacionalidade alemã. Ele via o Imperador Franz Josef como

um velho amargo e mesquinho, incapaz de lidar com os problemas do dia e as aspirações do futuro.

Calmamente, o jovem Hitler estava resumindo as coisas em sua mente.

Primeiro: Os austríacos eram parte da Alemanha, a pátria comum.

Segundo: Os judeus eram estranhos dentro da comunidade alemã.

Terceiro: O patriotismo só era válido se fosse compartilhado por todas as classes. O povo comum com quem Hitler havia compartilhado tristeza e humilhação era tão parte da pátria quanto os milionários da alta sociedade.

Quarto: A guerra de classes mais cedo ou mais tarde condenaria tanto os trabalhadores quanto os patrões à ruína em qualquer país. Nenhum país poderia sobreviver à guerra de classes; apenas a cooperação entre trabalhadores e patrões pode beneficiar o país. Os trabalhadores devem ser respeitados e viver com decência e honra. A criatividade nunca deve ser sufocada.

Quando Hitler mais tarde disse que havia formado sua doutrina social e política em Viena, ele disse a verdade. Dez anos depois, suas observações feitas em Viena se tornariam a ordem do dia.

Assim, Hitler viveria por vários anos na lotada cidade de Viena como um virtual pária, mas observando calmamente tudo ao seu redor. Sua força vinha de dentro. Ele não dependia de ninguém para pensar por ele. Seres humanos excepcionais sempre se sentem solitários em meio à vasta multidão humana. Hitler via sua solidão como uma oportunidade maravilhosa para meditar e não ser submergido em um mar sem mente. Para não se perder nos desertos de um ermo estéril, uma alma forte busca refúgio dentro de si mesma. Hitler era uma dessas almas.

O Raio e a Palavra

O raio na vida de Hitler viria da Palavra.

Todo o seu talento artístico seria canalizado para seu domínio da comunicação e da eloquência. Hitler nunca conceberia conquistas

populares sem o poder da Palavra. Ele encantaria e seria encantado por ela. Ele encontraria a realização total quando a magia de suas palavras inspirasse os corações e mentes das massas com as quais ele comungava. Ele se sentiria renascido cada vez que transmitia com beleza mística o conhecimento que havia adquirido em sua vida.

Fé Transcendente

Hitler acreditava em Deus? Ele acreditava profundamente em Deus. Ele chamava Deus de Todo-Poderoso, mestre de tudo o que é conhecido e desconhecido.

Os propagandistas retrataram Hitler como um ateu. Ele não era. Ele tinha desprezo por clérigos hipócritas e materialistas, mas ele não estava sozinho nisso. Ele acreditava na necessidade de padrões e dogmas teológicos, sem os quais, ele repetia, a grande instituição da igreja cristã entraria em colapso. Esses dogmas colidiam com sua inteligência, mas ele também reconhecia que era difícil para a mente humana abranger todos os problemas da criação, seu escopo ilimitado e sua beleza de tirar o fôlego. Ele reconhecia que todo ser humano tem necessidades espirituais.

O canto do rouxinol, o padrão e a cor de uma flor, continuamente o traziam de volta aos grandes problemas da criação. Ninguém no mundo falou comigo de forma tão eloquente sobre a existência de Deus. Ele mantinha essa visão não porque foi criado como cristão, mas porque sua mente analítica o ligava ao conceito de Deus. A fé de Hitler transcendia fórmulas e contingências. Deus era para ele a base de tudo, o ordenador de todas as coisas, de seu destino e de todos os outros.

S·D·A·P
STURMABTEILUNG
STURMABTEILUNG